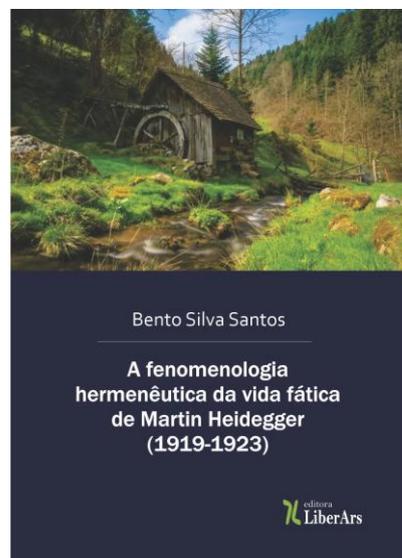


RESENHA



119

SANTOS, B. *A fenomenologia hermenêutica da vida fática de Martin Heidegger (1919-1923)*. São Paulo: LiberArs, 2023.

Isadora Franco Felício dos Santos
UFABC¹

CAMINHOS PARA A ONTOLOGIA DA VIDA FÁTICA

O minucioso trabalho de Bentos Santos intitulado *A fenomenologia hermenêutica da vida fática de Martin Heidegger (1919-1923)* é uma referência imprescindível tanto para aqueles que se dedicam a compreender o rico pensamento heideggeriano de juventude, anterior a *Ser e tempo*, quanto para aqueles que querem compreender o seu *opus magnum* sob outro ponto de vista. O livro é resultado de mais de dez anos de pesquisa de Bentos Santos acerca dos conhecidos *cursos de Freiburg*, que vão de 1919 a 1923, porém, a análise não se limita apenas aos seus conteúdos. Também é explorado rigorosamente os escritos de 1913-1916, como a tese de habilitação de Duns Scotus e

¹ E-mail: isa.ffa12@gmail.com

seus artigos teológicos. Além disso, o livro também apresenta interlocuções com a comunidade acadêmica de sua época, o que é imprescindível para a compreensão adequada de Heidegger. Partindo das próprias preleções deste período, Santos nos transporta para a atmosfera intelectual alemã do século XX, jogando luz nos problemas e motivações que constituíram o pensamento heideggeriano.

Ainda na introdução do livro, Bento Santos pretende mostrar ao leitor que o pensamento de juventude de Heidegger é original e tem intuições hermenêuticas que nos levam a caminhos para além de *Ser e tempo*. Seu posicionamento é um contraponto às leituras genealógicas sobre o jovem Heidegger, que começaram com o livro de Otto Pöggeler, de 1963, traduzido para o português como "A Via de pensamento de Martin Heidegger". Desde então, esse tipo de análise foi aperfeiçoada por diversos comentadores da década de 80, que tinham o intuito de buscar no pensamento heideggeriano a raiz histórica dos principais conceitos de *Ser e tempo*. Definitivamente, a análise genética mais conhecida deste período é o estudo feito por Theodore Kisiel, *The Genesis of Heidegger's Being and Time* (1993) que, apesar do método de leitura enviesado apontado por Santos, é uma referência imprescindível para compreender o ponto de partida das investigações fenomenológicas de Heidegger. Bento Santos também chama a atenção para a importância destes estudos terem aprofundado a investigação das raízes históricas e filosóficas do pensamento heideggeriano, pois elas estão muito além de Husserl e Dilthey, já que remontam à Paulo, Agostinho, Aristóteles, Kierkegaard e tantos outros.

Contudo, esse tipo de método de análise pode reduzir a potência das primeiras produções de Heidegger, limitando-as como parte de uma mera *protofilosofia*, isto é, um pensamento embrionário que encontraria o ápice de sua evolução na obra de 1927. Tal proceder anda sendo questionado nos últimos anos pelos trabalhos de Sophie-Jan Arrien e de Sylvain Camilleri colocam em xeque a metodologia genética e defendem a autonomia e independência dos escritos do jovem Heidegger em relação a sua obra mais conhecida.

Deste modo, Bento Santos defende o método da genealogia ascendente. Essa proposta consiste em uma leitura imanente dos primeiros escritos, a fim de valorizar seus temas e conceitos, respeitando suas diversas transformações e autonomia. Esse tipo de investigação pode visar elementos únicos nos profícuos onze anos antecedentes a *Ser e tempo*, considerando que estes escritos não eram uma preparação metodológica da ontologia fundamental, mas uma descoberta sobre a potência da fenomenologia de investigar a vida fática. Assim, é necessário cautela e cuidado para indicar as transformações de pensamento do autor, atentando-se para o fato de que a fenomenologia heideggeriana sempre esteve em constante atualização e não tinha a intenção de construir um sistema absoluto articulando as partes com o todo. Pelo contrário, Heidegger teve como ponto de partida a singularidade do fenômeno oriundo de uma situação histórica única e que sempre se renova no presente. O conceito de *indicação formal* aponta para o direcionamento de uma possível interpretação do fenômeno em *seu modo originário (Wie)*, evitando recair em uma postura teórica desprovida de significado concreto, desta forma, quem dava a palavra final para Heidegger é a própria descrição fenomenológica da situação

hermenêutica estabelecida no instante vivo. Neste sentido, o jovem Heidegger pode nos levar a conceitos que não aparecem na sua obra posterior e a temas que foram relegados ao esquecimento.

O livro é dividido em duas partes principais, a primeira é intitulada “O período das pressuposições no caminho de pensamento de Martin Heidegger (1903-1918)”; a segunda é intitulada “O primeiro período de docência em Freiburg (1919-1923): em busca de uma compreensão hermenêutica da fenomenologia”. Assim já se delinea o método genealógico ascendente de Santos, pois o livro conta cronologicamente o percurso de pensamento de Heidegger mas não deixa de considerar os elementos kairológicos, procurando recuperar a própria situação hermenêutica do autor relacionando-a com os seus conceitos e apontamentos. A primeira parte é composta de dois grandes capítulos, o primeiro aborda a formação cultural de Heidegger, isto é, toda a geração de pensadores que marcou o filósofo e formou raízes imprescindíveis que transformaram o seu método fenomenológico. É necessário ressaltar que o esforço de recuperar e comentar pensadores poucos lembrados pela academia, como os idealistas neokantianos e os realistas críticos, é um destaque deste livro, pois Heidegger constituiu seu método a partir de um rico contexto filosófico, segundo muitas linhas distintas de pensamento. O segundo capítulo é sobre os escritos poucos comentados de 1912 a 1916, que abordam diversos pensadores religiosos, tanto da escolástica quanto da mística medieval, e foram reinterpretados pelo olhar do Heidegger a partir de influências fenomenológicas e neokantianas. A segunda parte é composta de nove capítulos, que trabalham cuidadosamente os textos escritos nesse período de docência de Heidegger em Freiburg, sempre relacionando-os com os seus principais interlocutores, como o seu confronto com os neokantianos, com Dilthey e com Husserl. É justamente nessa parte que temos acesso ao desenvolvimento da fenomenologia hermenêutica da vida fática.

Heidegger, que estava imerso em uma tradição alemã transcendental e idealista – tanto do lado do neokantismo, quanto do lado da fenomenologia husserliana – se destaca ao rejeitar as clássicas categorias de análise do sujeito moderno e persegue a tarefa de superá-las por meio da hermenêutica. No primeiro capítulo, Bentos Santos identifica que essa peculiaridade do autor é devida às raízes escolásticas que, antes do imperativo normativo da modernidade, não reduzia a apreensão dos objetos ao sujeito hipostasiado:

Diferentemente do neokantismo e de Husserl – que necessitam libertar a filosofia do subjetivismo moderno e de ordem cartesiana –, a Escolástica medieval já está imersa nos próprios objetos e, portanto, sem ser prisioneira da dicotomia moderna entre sujeito e objeto, dicotomia que está na base da problemática do realismo ingênuo e do idealismo subjetivo. (Santos, 2023, p. 119).

Assim, o pensamento cristão terá papel fundamental em Heidegger, mas isso não significa que o autor almejava tratar e resolver problemas teológicos, Bentos Santos

ressalta que a postura do *ateísmo metodológico* é algo que já estava presente muito antes de sua primeira menção em *Informe Natorp* de 1922.

Bento Santos visa no ateísmo metodológico a via de Heidegger recuperar o próprio cristianismo do seu apoderamento da metafísica institucionalizada medieval, pois, a tradição teológica acreditou que Deus poderia ser um objeto passível de ser possuído, delineado e compreendido reflexivamente. A filosofia medieval, em boa parte, entificou Deus tornando-o uma ideia de substância primeira. Tal movimento foi inaceitável para Heidegger, basta nos lembrarmos da famosa passagem de sua carta a Engelbert Krebs em janeiro de 1919:

No final, o sistema exclui totalmente a experiência original e genuína do valor religioso. Isso já é explícito na pesada cientificista, naturalista e teórica metafísica do ser de Aristóteles, a sua radical exclusão da influência do problema do valor de Platão, uma metafísica a qual é revivida na escolástica medieval e define a norma como predominantemente teórica. Assim, o escolasticismo, dentro da totalidade do modo de *vida do mundo cristão*, comprometeu severamente a imediaticidade da *vida religiosa* e esqueceu a religião pela teologia e dogmas. Essa influência teórica e dogmática foi exercida pelas autoridades da Igreja nas suas instituições ainda nos primórdios do cristianismo. [Em uma situação como essa] uma experiência como o misticismo é entendido como um contramovimento." (Heidegger *apud* Kisiel, 1995, p. 73-74)

122

Por um lado, a Escolástica consegue ir além do império do sujeito da modernidade, por visar uma questão ontológica, por outro, é parte do problema na medida em que perpetua uma ideia teórica de Deus e religião. Assim, desde o começo de seu pensamento, Heidegger estabelece uma postura ambígua com a doutrina católica. A originalidade da interpretação de Bentos Santos sobre o pressuposto de ateísmo metodológico está em perceber que isso não é uma tentativa de afastamento da fenomenologia do mundo religioso, mas sim a via de recuperar a sua vitalidade e mobilidade, visando maneiras de contribuição da vivência cristã para a filosofia e para a fenomenologia:

A dinâmica interna do pensamento de Heidegger com base na relação filosofia-teologia mostra as contradições de uma prática fenomenológica da Idade Média, na medida em que a teologia que ele deseja renovar, promover e recomendar é fundamentalmente 'pagã' e totalmente livre de toda preocupação de Deus (isto é, pretensão de possuir ou determinar Deus) para centrar-se na facticidade humana que não é assegurada nem sustentada por nenhuma metafísica. (Santos, 2023, p. 154)

Assim, o ateísmo metodológico livra a fenomenologia da responsabilidade de abarcar Deus, pois, de um lado, Ele não pode ser conceito e objeto de especulação, por outro, Ele também não é fenômeno, assim não pode ser também instância de

consideração de descrição fenomenológica. Tampouco é razoável submeter as investigações sobre a vida fática a um tipo de fundamento universal transcendental, pois privaria o observador de compreender a autossuficiência da vida, conceito imprescindível para Heidegger. Isso poderia ser visto como um rompimento oficial de Heidegger com o cristianismo, no que concerne às suas reflexões filosóficas, mas, para Bentos Santos, é justamente o contrário, é uma revitalização do pensamento cristão:

A operação do “afastamento de Deus” enquanto *objeto* de especulação teórica, longe de ser uma recusa de fé com Deus, permite de verdade o “retorno a Deus”. O caminho *ateu* no pensamento de Heidegger significa “afastar-se” do “Deus dos filósofos”, do Deus da especulação metafísica, do “Deus ídolo”; para voltar-se ao “Deus vivo” ao “Deus fático” ao “Deus crucificado”. (Santos, 2023, p. 154).

Foi com esse caminho que Heidegger conseguiu interpretar fenomenologicamente o mundo cristão. A leitura de Bentos Santos se diferencia de diversos comentadores que abordaram essa questão, pois não a reduz a um rompimento e nem como uma mera continuidade fenomenologicamente atualizada, mas define esse princípio como um modo de transformar a vida religiosa em fenômeno passível de ser interpretado hermeneuticamente.

A segunda parte do livro é marcada pela análise de Santos do famoso primeiro curso de Heidegger em Freiburg conhecido como *KNS* (*Kriegsnotsemester* “curso do semestre emergencial por motivos de guerra”). Intitulado como *A ideia de filosofia e o problema da visão de mundo*, Heidegger apresenta ali a sua própria visão de fenomenologia e concebe um novo modo de se pensar a ciência. O curso aconteceu um ano depois do conflito da Primeira Guerra Mundial, em 1919, deste modo, é situado por um turbulento período vivido na Europa. Considerando que a preleção foi dirigida a alunos que estiveram em combate, Heidegger pretendia repensar temas e questões que eram tratados na academia. A ciência, na sua pretensão de rigor e objetividade, se cindiu do mundo vivido e era necessário recuperar esse âmbito de análise. Bento Santos considera que esse primeiro curso de Heidegger já é uma ruptura com a fenomenologia transcendental idealista de seu mestre:

Nesse período já emerge uma primeira ‘virada’ no seio da fenomenologia, para um programa de investigação da hermenêutica – a vida, bem como sua motivação: portanto, a orientação para uma história mais autêntica e, desse modo, em direção a conceitos que lidam com ‘situações’: trata-se da relação com história que concerne ao sentido da existência concreta. (Santos, 2023, p. 165).

Assim, o que é importante destacar deste primeiro curso, como aponta Santos, é justamente a transformação da fenomenologia realizada por Heidegger. Ora, a questão colocada não é como alcançar essências ideais de atos intencionais e sim como transladar a vida para o léxico fenomenológico trazendo no método a possibilidade de captar a dimensão situacional e histórica que a existência concreta se defronta todos os

123

dias. Logo, é interessante também que o autor deste livro leva em consideração que Heidegger já está trazendo à fenomenologia o tema da existência, isto é, a fenomenologia pleteiaria uma *atitude existencial*: “Portanto, a ideia de ciência nos cursos de juventude de Heidegger não é a ciência como relação formal conceito-objeto ou de procedimentos formais, mas sim de atitude existencial.” (Santos, 2023, p. 168). Isto marca outra originalidade do pensamento de Heidegger em seus tempos de juventude, aliás, o autor conseguiu trazer questionamentos e reflexões de como o método fenomenológico pode nos falar sobre a nossa *vida e existência*: “Trata-se de compreender tal *concepção prévia* com base na neutralização metodológica do conceito-conteúdo para fazer aflorar a indicação formal, isto é, o ‘caminho’, no ‘principiar’, na realização da compreensão enquanto *experiência existencial fundamental*.” (Santos, 2023, p. 286). Paulatinamente, Bento Santos relaciona os avanços metodológicos do fenomenólogo em consonância com esta atitude existencial, sua análise se torna interessante na medida em que ela ultrapassa o próprio texto de Heidegger e consegue realizar uma leitura hermenêutica própria, tomando liberdade para compreender a própria vida a partir do autor e não somente se deter a um comentário de história da filosofia.

Ao decorrer do texto, Bento Santos analisa como Heidegger desenvolveu sua filosofia sobre a vida fática. Passando pelos textos de 1919 a 1923, o autor expõe não uma perseguição pelo sentido de ser, mas sim pelo sentido da vida, estimulado pelo desafio de encontrar a unidade múltipla desta palavra. Heidegger mergulhou na autossuficiência significativa do cotidiano para encontrar os modos originário de acesso e expressão da facticidade. Tal busca pelo sentido da vida fez Heidegger reformular o método fenomenológico:

Portanto, em vez de evidência da intuição fenomenológica de Husserl, Heidegger esboça um compreender hermenêutico dentro do qual aparece a *relação* estreita entre intuição, compreender e expressão (*Ausdruck*) trata-se de um compreender a vida a partir dela mesma, uma vez que a vida possui uma autocompreensão espontânea e imediata; a experiência da vida é prenhe de sentido e intencionalmente estruturada; a vida é compreensível porque a própria vivência é em si mesma uma forma preliminar da compreensão ou, com as palavras do próprio Heidegger, uma pré-compreensão. (Santos, 2023, p. 304).

Para alçar um sentido não teórico da vida, é necessário que a teoria e que a fenomenologia se inscreva no seu âmbito autopoietico e nunca parta de um olhar exterior. Por isso que a evidência da intuição não foi suficiente, logo, o fenomenólogo viu necessário recorrer à hermenêutica e considerou as expressões compreensivas junto à estrutura intencional de nós como ser-no-mundo. O livro é um longo caminho que chega às suas reflexões ontológicas sobre o ser da vida fática, isto é, o projeto inicial de *Ontologia. Hermenêutica da facticidade* de 1923.

A obra de Bento Santos expõe os pressupostos que nos permitem compreender um período da obra de Heidegger completamente único e singular, um projeto ontológico que se fosse realizado daquela maneira poderia trazer resultados muito

interessantes. O projeto ontológico heideggeriano do começo dos anos 20 não pode se confundir com *Ser e tempo*, pois, em 1923, vida e ser eram cooriginários, assim, o fenomenólogo não estava tentando fazer uma analítica existencial, mas compreender em que sentido a vida pode também representar um sentido de ser:

A formulação de uma ‘hermenêutica da facticidade’ foi o projeto predominante das preleções iniciais de Heidegger, de 1919 a 1923, mas essa ideia foi encoberta pelo chamado mito do Ser nos anos de 1930, com o conseqüente abandono seja da experiência da vida no Novo Testamento, seja da vida aristotélica. (Santos, 2023, p. 499).

Deste modo, ainda não havia uma primazia da análise existencial, nem sequer uma preferência pela *extasis* do futuro, mas uma tentativa de encontrar o sentido de ser da vida em sua mobilidade fática. Esse momento único da ontologia de Heidegger, pode nos trazer direcionamentos de como retomar o conceito de vida para um projeto ontológico, não colocando-o como um modo de ser do ser-aí, mas como algo do qual ele está imerso e que constitui o próprio sentido de existência: “Ao redefinir ontologia nesse curso, Heidegger mostra que a facticidade e ser estão intrinsecamente relacionados, e tal relação é fundamentalmente hermenêutica.” (Santos, 2023, p. 508). Deste modo, o livro é imprescindível para colocarmos o jovem Heidegger em debate no Brasil, como também vislumbrar novos caminhos para projetos ontológicos contemporâneos.

125

REFERÊNCIAS

- SANTOS, B. *A fenomenologia hermenêutica da vida fática de Martin Heidegger (1919-1923)*. São Paulo: LiberArs, 2023.
- HEIDEGGER, M. Sein und Zeit. Em: *Gesamtausgabe, Band 2*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1976.
- _____. *Ser e Tempo*. Trad. Fausto Castilho Petrópolis: Vozes, 2012
- _____. Die Idee der Philosophie und das Weltanschauungsproblem. Em: *Zur Bestimmung der Philosophie (GA 56/57)*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1999.
- _____. *La Idea de la Filosofía y el problema de la concepción del Mundo*. Trad. Jesús Adrián Escudero. Barcelona: Herder, 2005.
- _____. Phänomenologische Interpretationen zu Aristoteles. Anzeige der hermeneutischen Situation. In: *Dilthey Jahrbuch*, nº 6, p. 228-274, Hans-Ulrich Lessing, 1989.
- _____. *Interpretaciones fenomenológicas sobre Aristóteles. Indicación de la situación hermenéutica*. Trad. Jesús Adrián Escudero, Madrid: Trotta, 2002.
- _____. Ontologie. (Hermeneutiker Faktizität). In: *Gesamtausgabe, Band 63*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1988.
- _____. *Ontologia (Hermenêutica da facticidade)*. Trad. Renato Kirchner. Petrópolis: Vozes, 2012.
- ARRIEN, S. *L' inquiétude de la pensée L' herméneutique de la vie du jeune Heidegger*. Paris : Presses Universitaires de France, 2014.
- CAMILLERI, S. Phénoménologie de la religion et herméneutique théologique dans la pensée du jeune Heidegger. Commentaire analytique des Fondaments philosophiques de la mystique médiévale. In : *Revue Philosophique de Louvain*. Tomo 107, n. 4, 2008, p. 735-739.

KIESEL, T. *The Genesis of Heidegger's Being and Time*. Berkeley: University of California Press, 1993.
PÖGGELER, O. *A via de pensamento de Martin Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

Submetido: 30 de maio de 2025

Aceito: 9 de junho de 2025